

RESENHA

ERDENTUG, Aygen e COLOMBIJN, Freek (eds.) 2002. *Urban Ethnic Encounters - The Spatial Consequences*. Londres: Routledge. 256 pp.

Siri T. Hettige
University of Colombo, Colombo 03
Sri Lanka

O livro representa uma exploração das conseqüências da diversidade étnica urbana no espaço. Mais especificamente, trata da relação mutuamente interativa entre etnicidade e espaço urbano em vários países.

O tema com o qual lidaram os autores incluídos no livro se constitui em um tópico altamente relevante devido ao fato que a etnicidade ganhou uma significação enorme, não apenas como uma categoria conceitual presente na literatura das ciências sociais contemporânea, mas também como um aspecto central da interação humana em sociedades modernas, a nível local, regional, nacional e global. A singularidade deste livro reside no fato de não tratar as relações étnicas em um vazio espacial, e sim como produtos de uma complexa e dinâmica interação entre etnicidade e espaço físico. Também é importante notar que a maioria dos textos incluídos no livro se baseia em material empírico colhido em países fora do mundo anglo-americano, que cedo dominou a literatura em pesquisa social urbana. O livro é escrito numa linguagem despojada de termos técnicos, o que torna a leitura fácil do começo ao fim.

A introdução do livro traça um excelente panorama da literatura conceitual relevante. Os editores caracterizam as questões mais gerais pertinentes ao tema da publicação, localizando assim a análise em um contexto mais amplo. Em outras palavras, eles lembram ao leitor que os assuntos de que tratam os textos não se limitam necessariamente aos seus contextos locais específicos mas freqüentemente têm implicações mais amplas em termos de causa e efeito. O que é observável em um microcosmo particular pode ser uma manifestação local de um fenômeno muito mais amplo, que

transcende limites locais e até mesmo nacionais. Por outro lado, o que está ocorrendo em um contexto local pode ter um efeito de ondulação, eventualmente provocando um impacto distinto em outro lugar.

Convém ainda notar que os editores não adotam uma visão essencialista da *etnicidade*, reconhecendo assim a possibilidade de diversas manifestações suas no tempo e no espaço. Eles também não negam a possibilidade de que outras dimensões da desigualdade, como o poder político de uma classe ou o estilo de vida, possam neutralizar ou reforçar identidades étnicas em situações específicas. Como examinaremos na sequência, tal perspectiva é crucial quando se tentam identificar as tendências que perpassam as diversas análises empíricas presentes neste volume, como o fazem os editores no seu capítulo conclusivo.

Os textos são classificados em três amplas categorias: micro, meso e macro. Embora esta divisão seja útil em termos conceituais, os próprios textos indicam que contextos micro, meso e macro, de fato, tendem a se imbricar uns nos outros em um maior ou menor grau, dependendo da situação com que lida o artigo específico. Por exemplo, relações étnicas em certas situações de campo não podem ser restringidas ao contexto local, pois tendem a se ligar inextricavelmente a estruturas e processos mais amplos, que operam em nível nacional e até mesmo global.

Quatro artigos compõem a parte 1, intitulada "Análise de Nível Macro de Encontros Étnicos Urbanos". O primeiro, de Joe Darden, sobre a segregação residencial e as desigualdade socio-econômicas em Toronto, examina a posição dos residentes originários do sudeste asiático vis-à-vis os moradores brancos. Baseado em dados de censo, Darden demonstra como os imigrantes asiáticos são desproporcionalmente concentrados em alguns bairros, que tendem também a ser caracterizados por baixas condições sócio-econômicas. Uma das afirmações principais do texto é que a imensa desigualdade entre os bairros do sudeste asiáticos de um lado e os bairros brancos de outro é uma prova do fracasso do multiculturalismo canadense em alcançar um de seus objetivos principais, ou seja, o de promover a igualdade social.

O texto de Shah de Chandrakant sobre lugares de culto não lida diretamente com relações étnicas urbanas; focaliza a relação entre prática religiosa e estado de saúde de indivíduos. Tendo examinado um corpo considerável da literatura sobre o assunto, Shah

reitera o argumento de que o envolvimento religioso, particularmente a frequência de lugares de culto, tem um impacto benéfico na saúde das pessoas (p. 52). O texto pergunta-se então se os novos imigrantes da Ásia e do Oriente Médio na América do Norte, cuja educação religiosa é diferente da que tiveram as pessoas de fé judaico-cristã, têm ou não acesso aos seus próprios lugares de culto. A segunda parte deste artigo é dedicada a um exame da distribuição de lugares de culto em áreas onde os migrantes asiáticos e do Oriente Médio estão concentrados. Embora budistas, hindus, islâmicos, sikhs e as comunidades hindus tenham graus variados de acesso a lugares de culto, o autor não apresenta nenhuma evidência acerca dos padrões de uso desses lugares de culto, nem no seu impacto no estado de saúde dos crentes.

O artigo de Thabet abu Rass sobre o impacto do planejamento regional e local em cidades árabes localizadas no Pequeno Triângulo trata da posição dos árabes em Israel e de como eles foram adversamente afetados por políticas estatais discriminatórias de distribuição de terra e assentamentos. A implementação de tais políticas durante as últimas décadas fizeram com que uma grande área de ocupações árabes contíguas entre si fosse reduzida a algumas jurisdições urbanas isoladas, espremidas entre distritos e cidades de judeus. Esta é uma instância em que, claramente, encontros étnicos locais refletem conflitos étnicos que transcendem os limites locais e nacionais.

O último artigo da parte 1, de Daniel Gensberg, examina a mudança da relação entre religiosos e divisões sectárias de um lado e o espaço urbano de outro durante a guerra civil no Líbano. Ao contrário de muitas cidades divididas etnicamente, a segregação em Beirute foi um produto e não a causa de um conflito sectário. Em outras palavras, os deslocamentos durante a guerra resultam em uma maior homogeneização nos bairros, e numa diminuição da interação social e da troca entre as comunidades religiosas. Ironicamente, muitos espaços públicos tornaram-se por sua vez casas mais privadas, e locais privados se tornaram pontos de reunião públicos que facilitam as interações pessoais para além das divisões sectárias.

Realidades do após-guerra demandaram a criação de espaços públicos neutros onde os moradores pudessem ver o "outro" sem serem identificados como o outro (p. 92). A reconstrução do centro de Beirute, sob a supervisão de uma companhia imobiliária

privada, foi identificada como um passo importante nessa direção. Por outro lado, este mesmo projeto, que naturalmente beneficiou grandes empresas e grupos de renda alta, tendeu a reforçar as disparidades sociais e econômicas, alienando o morador comum do coração da cidade.

A parte dois do livro contém cinco capítulos que, de acordo com os editores, tratam de análises de nível meso presentes em encontros étnicos urbanos em cinco situações urbanas diferentes. O capítulo sobre o grupo étnico chinês em Jacarta, escrito por Harold Leisch, é um relato sucinto das mudanças nas chances de vida deste grupo dentro de um ambiente urbano política e socialmente hostil. Várias levas de chineses que emigraram da China e de outros países da região, antes e depois da independência, encontraram pressões e hostilidades de diversos tipos, a despeito da sua dominância crescente na esfera econômica. Algumas das pressões emanaram do sistema político, como foi o caso durante a ditadura de Suharto, que perpetrou um ataque direto à sua identidade cultural; mais recentemente, a violência étnica dirigida contra o grupo forçou os emigrantes chineses a abandonar os locais em que se haviam estabelecido. São estas experiências que os compeliram concentrar-se cada vez mais nos seus próprios enclaves étnicos, particularmente em comunidades fechadas e muradas. Por outro lado, o novo ambiente político que emergia, mais liberal, facilitou a revitalização da cultura e da identidade chinesas. O contínuo domínio econômico da elite empresarial chinesa, a sua existência privilegiada em novos condomínios fechados rodeados por indonésios Pribumi empobrecidos, pode levar estes últimos a se tornar hostis para com as elites chinesas, as quais têm muito em comum com as elites indonésias nativas – ambas circulam lado a lado em bairros de elite etnicamente mistos, assim como em outras áreas, como clubes e casas empresariais.

O capítulo de Carmen Sílvia de Moraes Rial e Miriam Pillar Grossi sobre o medo urbano no Brasil é uma análise brilhante das complexas interconexões entre etnicidade, classe e espaço urbano. Em grande parte historicamente determinada, a dicotomia entre as comunidades brancas privilegiadas, de um lado, e grupos étnicos formados por pretos e mulatos, de outro, tende a perpassar a sociedade brasileira inteira, em particular nas grandes cidades, que são claramente polarizadas entre comunidades residenciais brancas privilegiadas e as desfavorecidas favelas. Uma cultura pervasiva

de medo, gerada pela violência e pelo crime generalizados conduziu a uma consciência de segurança igualmente pervasiva, particularmente entre grupos privilegiados. O resultado é uma indústria de segurança florescente que oferece vários serviços de segurança - como a vigilância por seguranças armados, patrulhamento de ruas, vigilância eletrônica, guarda-costas, muros altos, cercas elétricas - que mantêm os pobres longe das comunidades residenciais dos ricos, etc. Por outro lado, as comunidades pobres, que são percebidas pelos ricos como solos férteis para o crime violento, são expostas a brutalidades por parte das forças de segurança elas mesmas, sofrendo com o duplo fardo da pobreza e da discriminação. Os pobres são expostos à violência em ruas das quais os ricos se mantêm afastados, na medida em que tais espaços públicos são dominados por gangues e traficantes de droga.

O capítulo 8, de Jian Guan, sobre a consciência étnica crescente entre os chineses no bairro chinês da Filadélfia, oferece um interessante relato do aparecimento e consolidação de um enclave étnico bem delimitado em uma vibrante cidade norte-americana. Apesar de não estar claro se o que é observado ali lembra ou não o fenômeno de bairros chineses de outros lugares, a análise das trajetórias históricas do bairro chinês da Filadélfia aponta para uma elevação progressiva da consciência étnica entre os chineses como um produto de pressões externas na forma de projetos de desenvolvimento iniciados pela assembléia municipal. Nas primeiras fases do desenvolvimento do bairro chinês, os moradores não puderam resistir a tais pressões e perderam controle sobre partes do espaço que o bairro cobria. No entanto, em anos mais recentes, os moradores têm conseguido resistir a tais incursões em grande medida devido à sua coesão interna, maior determinação, consciência cívica mais forte e uma organização apoiada por coalizões externas, etc.

O bairro chinês da cidade da Filadélfia é hoje verdadeiramente um enclave étnico, largamente auto-suficiente, permitindo a alguns dos residentes viver uma vida virtualmente apartada do restante da sociedade americana. Isto é particularmente importante para migrantes novos que, fosse outra a situação, poderiam encontrar dificuldades sérias para se adaptar a um novo ambiente devido a idioma e outras barreiras culturais.

O capítulo de Shenglin Chang sobre identidade doméstica trans-cultural na zona do Pacífico focaliza duas comunidades taiwanesas trans-culturais, uma em Taiwan [até há poucos anos

chamada de Formosa] e a outra no Vale do Silicóne nos Estados Unidos. Embora situado em dois cenários socio-culturais muito diferentes, as duas comunidades tenderam a imitar-se mutuamente em termos de trabalho e vida social, padrões de consumo, etc. Ambas as comunidades mantêm um estilo de vida semelhante e muito diferente da sociedade alargada. Isto é particularmente assim no caso do Parque de Ciência de Hsinchu (Taiwan) onde a comunidade vive praticamente apartada dos residentes locais à volta. A pergunta que surge é se tais comunidades industriais de alta tecnologia serão a norma em outros países onde governos e empresas privadas estão ansiosos por estabelecer indústrias baseadas em tecnologia da informação (TI) para tirar proveito de recentes desenvolvimentos dentro do campo da TI. Esta é sem dúvida uma área para investigação empírica dentro de uma perspectiva comparativa.

Soheila Shahshani discute como coabita uma população etnicamente diversa em um pequeno bairro de Teerã sem qualquer dificuldade significativa com respeito a relações inter-grupos. Compartilhando o mesmo espaço físico, eles mantêm boas relações de vizinhança, embora os contatos inter-grupos não sejam muito profundos ou intensos. Aparentemente, a homogeneidade em termos de fé religiosa a despeito de diferenças de classe e étnicas ajuda a comunidade a manter relações de vizinhança limitadas mas harmoniosas. É interessante que até as crianças não ultrapassam certos limites de contato entre comunidades, de modo a evitar criar alguma irritação na comunidade. Contudo, não está claro se as relações harmoniosas se devem a que os diferentes grupos étnicos subsistem numa rede mais ampla de relacionamentos que se estende para além dos limites das suas vizinhanças.

A terceira parte do livro inclui três capítulos que são classificados como análises de nível micro. Todos os três casos são pesquisas desenvolvidas em países industriais desenvolvidos (Japão, Áustria e os Estados Unidos da América). Os assuntos tratados nesses capítulos divergem muito uns dos outros.

O capítulo de Jeffrey Hester sobre coreanos em Osaka examina como a relação entre a maioria japonesa e a minoria coreana evoluiu durante os últimos anos, particularmente sob a influência de debates ideológicos no Japão em torno das relações entre maioria e minorias étnicas. A minoria coreana, que inicialmente sofria pressão para se assimilar à sociedade japonesa, manteve a sua identidade cultural, e apresentou-se de maneira a tirar proveito da emer-

gente ideologia cívica de tolerância cultural e internacionalização do comércio. A proposta para criar um bairro coreano ao redor de uma rua de comércio dominada pelos coreanos em Osaka é reflexo das aspirações da minoria coreana no Japão no sentido de afirmar a sua identidade cultural, da mesma forma que os chineses o fizeram em outros lugares na forma de bairros chineses bem estabelecidos. Ainda assim, ao levantar-se contra resistências por parte de interesses japoneses dominantes, os coreanos nos bairros de Kobe não puderam alcançar os seus objetivos com facilidade. Só parte da rua de comércio pode ser designada como bairro coreano. A luta dos comerciantes e negociantes coreanos por se apropriar de um espaço público para afirmar sua diferença cultural e identidade não é muito diferente de outros encontros étnicos relatados neste livro e em outros lugares.

O capítulo 12, de Heidi Dumreicher, sobre a apropriação do espaço público como um espaço em que se viver, é uma análise fascinante de uma experiência que transformou um amplo espaço público em Viena em um espaço vibrante, para facilitar as interações inter-étnicas, em particular entre a população local e imigrantes. Em muitos cenários urbanos, grupos étnicos, em particular migrantes, tendem a morar em bairros segregados e não têm oportunidades para se entrosar livremente entre si. Aparentemente, a utilização de um espaço público para incentivar a interação entre grupos étnicos, como no caso analisado por Dumreicher, é talvez um modo efetivo para se evitar a polarização étnica em grandes cidades. Por outro lado, o que não fica claro na análise é se tais iniciativas são sustentáveis a longo prazo.

O último capítulo da terceira parte, de Eveline Durr, trata da disputa de espaço urbano, baseado em um estudo de caso na cidade de Albuquerque, no Novo México, e se constitui em uma análise lúcida da luta de grupos étnicos pelo controle das representações espaciais no centro tradicional da cidade. Examina as estratégias culturais usadas pelos três grupos culturais principais - os hispânicos, os anglo-americanos, e os ameríndios -, para ocupar e defender um espaço público que não pode tornar-se propriedade particular (p. 209). Embora os três grupos étnicos tivessem compartilhado, durante muitas décadas, o mesmo espaço urbano, para os seus próprios propósitos étnicos, sociais e culturais, nenhum consenso emergiu acerca do uso deste espaço público, dando origem assim a contínuas disputas, conflitos e contestações. É interessante

que os mesmos grupos queiram resolver as suas disputas invocando direitos culturais e tradições históricas; a sua eventual resolução, não importando o quão insatisfatória do ponto de vista dos defensores da tradição, encontra-se do lado da lei, i.e., a constituição dos EUA, um voto majoritário na câmara municipal ou um veredito de um tribunal. Como é claramente evidente em casos descritos neste capítulo, a resolução aparente de disputas em torno do controle do espaço público não reduz necessariamente a distância entre as partes em disputa: as suas visões e percepções divergentes persistem e influenciam as relações entre as comunidades. Por outro lado, a discussão pública e as contestações inter-comunitárias em torno do controle do espaço público tornam as comunidades mais sensíveis às visões e aspirações umas das outras, e, talvez, mais tolerantes umas com as outras.

O capítulo final, dos editores, é uma excelente ensaio que não apenas oferece um resumo muito bom dos capítulos precedentes mas também reúne o material empírico diversificado mas rico acerca de vários temas importantes, de maneira a extrair conclusões substantivas sobre grandes questões. Estas últimas são relativas à segregação residencial, a etnicidade e classe, ao controle e uso do espaço público, ao papel do estado na distribuição do espaço, à natureza das fronteiras étnicas e ao impacto da etnicidade no desenho urbano.

Por falta de espaço, não pretendo discutir aqui todas as conclusões principais. Não obstante, é importante ressaltar a emergência de alguns padrões claros através de contextos divergentes examinados nos diferentes capítulos do livro. A etnicidade é um fator central que configura o espaço urbano, dando-lhe um significado e uma forma particulares. Por outro lado, o espaço urbano também pode influenciar as relações e identidades étnicas, dependendo de quem controla o espaço e com que tipo de propósito. A relação entre etnicidade e espaço urbano realmente é simbiótica e mediada frequentemente por vários outros fatores, como classe social, história, tradição, economia e políticas e ideologia secular. Em outras palavras, as situações empíricas podem ser todas urbanas mas elas divergem amplamente em outros aspectos. É esta diversidade que nos permite examinar os temas de uma perspectiva comparativa, para descobrir como etnicidade e espaço urbano interagem mutuamente sob condições divergentes. É altamente significativo que a relação varia mas permanece presente em todas as situações.

Hierarquias étnicas podem conduzir a conflitos violentos e até a criminalidade quando se sobrepõem a profundas disparidades de classe. São tais circunstâncias que resultam em separações quase totais de comunidades. A hegemonia política de um grupo étnico dominante também pode conduzir a uma igualmente clara segregação residencial em termos étnicos. Embora o espaço público possa prover uma arena para a interação e trocas mútuas entre grupos étnicos, tais oportunidades dependem do quão acessíveis, amigáveis e seguros são tais espaços públicos. Um caso extremo relatado neste livro é o do Brasil, onde espaços públicos tais como as ruas são perigosos tanto para os brancos ricos como para os negros pobres.

Por outro lado, é pertinente a pergunta sobre se segregação residencial em termos étnicos é sempre negativa. Pelo menos em um capítulo, afirma-se que aqueles que vivem em bairros étnicos têm acesso aos seus próprios e tão necessitados recursos culturais, como os lugares de culto, que segundo o autor beneficiam claramente a saúde dos moradores. Este tipo de argumento pode apoiar a visão de que as pessoas possam voluntariamente a habitar bairros dominados pelo seu próprio grupo étnico, não necessariamente para permanecer longe do "Outro." Porém, pelo menos no presente livro, não há muitas evidências para corroborar tal argumento.

As cidades foram amplamente conceitualizadas como locais de diversidade humana. Isto foi verdade para cidades pré-modernas assim como para cidades modernas. Esta tendência foi reforçada em anos recentes pela migração rural-urbana, assim como internacional, facilitada pela descolonização, pelas crescentes iniquidades globais, pelos conflitos políticos e étnicos, pela expansão do consumo moderno, etc. Tais tendências não mostram qualquer sinal de se debilitarem, de modo que deve aumentar a pressão da população em áreas urbanas, levando a maior competição pelo espaço urbano e uma maior demanda por espaço público. Em outras palavras, o tema de que trata o presente livro provavelmente permanecerá tão relevante no futuro quanto o é hoje.